



Protestantismo em Revista é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Protestantismo em Revista

São Leopoldo | v. 45, n.02 | jul./dez. 2019

ISSN 1678-6408

Coordenação Geral

Oneide Bobsin

Editor-Chefe

Celso Gabatz

Editor Associado

Marcelo Ramos Saldanha

Conselho Editorial: Adriane Luísa Rodolpho (UFPel), Mary Rute Gomes Esperandio (PUCPR), Emil Albert Sobottka (PUCRS), Ricardo Willy Rieth (EST/ULBRA), Edla Eggert (PUCRS), Iuri Andréas Reblin (EST)

Comitê Científico desta edição: Dr. Kevin Kossar Furtado (Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PR), Dr. Gerson Moraes (Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP), Dr. Marcelo Ramos Saldanha (Faculdades EST/RS), Dr. Filipe Degani-Carneiro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/RJ), Dr. Ezequiel Hanke (Faculdades EST/RS), Harlen Divino (Universidade Estadual de Montes Claros/MG), Dr. Helio Aparecido Teixeira (Faculdades EST/RS), Dr. Darlei De Paula (Faculdades EST/RS), Dranda. Joici Ziegler (Universidade Regional Integrada - Campus de Santo Angelo /RS), Dr. Martin Dietz (Faculdades EST/RS), Dr. Noli Hahn (Universidade Regional Integrada -Campus de Santo Angelo/RS), Dr. Everton Ney Carneiro (Universidade do Estado da Bahia/BA), Dr. Dalmi Alves Alcantara (Instituto Federal de Brasília/DF), Dr. Adriano Sousa Lima (Faculdades Batista do Paraná/PR), Dr. Claudio Ribeiro (Universidade Federal de Juiz de Fora/MG), Dr. Silas Fiorotti (Universidade de São Paulo/SP), Dr. Fabricio Veliq Barbosa (Universidade Federal de Minas Gerais/MG), Dr. Joel Haroldo Baade (Universidade Alto Vale do Rio do Peixe/SC), Dr. Carlos Genz (Colégio Militar de Porto Alegre/RS), Dr. Marcelo Purificação (Centro Universitário de Mineiros/GO), Dr. José Guibson Delgado Dantas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS), Dra. Claudete Beise Ulrich (Faculdade Unida de Vitória/ES), Ms. Darleyson De Carvalho (Faculdade Cristã de Curitiba/PR), Dr. Cesar Motta Rios (Universidade Luterana do Brasil/RS), Dr. Eliseu Do Espirito Santo (Instituto Federal Fluminense/RJ), Dr. Josué Berlesi (Universidade Federal do Pará/PA), Dr. Marcelo Lopes (Universidade Federal de Juiz de Fora/MG).

Editoração Eletrônica: Marcelo Ramos Saldanha

Capa: Marcelo Ramos Saldanha

Órgão Promotor: Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST.

Instituição Promotora: Faculdades EST,

Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho – Caixa Postal 14, CEP 93.001-970 São Leopoldo – RS.

Endereço Eletrônico: pr@est.edu.br

O respeito às normas ortográficas vigentes e às fontes, mediante sua correta referência, no espírito da honestidade intelectual são de responsabilidade dos autores e das autoras dos textos. Qualquer parte da publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte. Os textos aqui reproduzidos e as opiniões neles contidas são de inteira responsabilidade de seus autores e de suas autoras e não expressam necessariamente a posição da revista. As normas de publicação estão dispostas no site.

Copyright da edição:

© 2019 Faculdades EST

A REFLEXÃO CIENTÍFICA EM TEMPOS DE CORONA-VÍRUS

SCIENTIFIC REFLECTION IN CORONAVIRUS TIMES

Celso Gabatz¹

Hoje o dia é de poucas palavras.
Hoje o dia é de silêncio e introspecção.
Hoje o dia é para restaurar a alma tão cansada.
Hoje o dia é de fechar portas e janelas para o mundo lá fora.
Hoje o dia é de recobrar o alento, a singeleza, os valores, a esperança de um novo dia.²

Este último número de *Protestantismo em Revista* é colocado à disposição de todos e todas em meio à pandemia do corona-vírus. O trabalho foi finalizado no confinamento: medo, ansiedade, luto, notícias estarrecedoras da Itália, Espanha, Estados Unidos e do Brasil, tornaram o mundo um lugar mais complexo. Ninguém se sente ou está seguro. Pandemias dizem mais sobre nós mesmos do que a doença em si. Em meio a múltiplas incertezas, a sociedade brasileira parece estar convivendo, como em nenhum outro momento, com o negacionismo e uma profunda crise política na qual reina a falta de empatia, insensibilidade e desrespeito às milhares de vidas perdidas.

Nesses tempos de pandemia, há, por óbvio, questionamentos sobre o fato da população ignorar as orientações dos órgãos oficiais de saúde que indicam o isolamento como forma de conter a propagação do vírus. Para entender os motivos desta atitude, é preciso reconhecer que, para além de certos protagonistas da governança pública, temos a negação histórica do acesso a uma educação capaz de transformar corações e mentes e que, em momentos iguais ao que estamos vivendo, agrava o caos o social.

Esta negação, cunhada na estrutura de uma sociedade racista, patriarcal e de exploração, perdura por meio de nossa herança escravagista colonial, potencializada na recrudescência desta incapacidade para aceitar opiniões divergentes, transformando o outro em inimigo e, portanto, sempre induzindo de que deveria viver em outros países, pois, talvez, não seja digno de exercer aqui a sua cidadania. A ignorância funcional de uma camada do povo brasileiro serve a um projeto de poder de quem sempre deu as cartas neste país e que tem na mercantilização da vida humana a sua principal fonte de dividendos.³ O sistema capitalista, ao promover a exacerbação do lucro, aprofunda este rompimento da humanidade com valores essenciais ao bem comum.

O filósofo sul-coreano, radicado na Alemanha, Byung-Chul Han,⁴ ao refletir sobre a pandemia na Europa, nota o desespero de soberania na ação inútil de fechar as fronteiras. Para ele, o vírus isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma maneira, cada

¹ Editor-Chefe

² GABATZ, Celso. *Reminiscências*. Santa Rosa: Café Pequeno, 2017. p. 31.

³ SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

⁴ HAN, Byung-Chul. La Emergencia Viral y el Mundo de Mañana. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. p. 97-112.

um se preocupa mais com a própria sobrevivência. A solidariedade que consiste em guardar distâncias mútuas não é uma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade diferente, pacífica e justa. No Brasil, o presidente conclama a população para ir às ruas e o comércio a abrir suas portas. Convivemos diariamente com a falta de compaixão por aqueles a quem tem sido negados gestos de empatia na derradeira despedida e no luto.

A pandemia evidencia uma espécie de necropolítica⁵ “à brasileira” que se amplia pela negação das desigualdades sociais já existentes. Ocorre uma negligência da governança pública em relação aos conflitos e diferenças. A vida privada passa a ser uma janela que expõe os abismos do cotidiano. Na maioria das vezes, quanto maior a renda, maior a chance de realizar algum trabalho remoto. Na escolha entra a vida ou a economia, uma parcela da sociedade, sobretudo das classes mais pobres, compra o discurso de que é melhor continuar trabalhando ao invés de morrer de fome.

Um país como o Brasil, nascido e estruturado com base em tantas situações injustas, tem produzido práticas e relações muito desiguais. Nelas, os sujeitos que sofrem a ação de precarização de suas vidas seguem os critérios de classe, raça e gênero. Precarizar vidas é torná-las também “descartáveis”. Quem mais sofre os impactos do vírus são as populações diariamente submetidas a condições de vida na qual eles, de uma certa maneira, já são mortos-vivos.⁶ A insistência no argumento de que é preciso privilegiar o funcionamento da economia em detrimento das medidas de isolamento social soam como um evidente paradoxo. Afinal, diz-se que nossas indústrias estão com dificuldades, mas, por outro lado, se insiste em não reconhecer que pessoas estão morrendo por falta de leitos em hospitais.

Acredito que o momento pode, de fato, nos levar para dois caminhos. Um deles, acentuado por uma maior individualização. Indivíduos que possuem certos recursos financeiros e que se preocupam em salvar os seus lucros podendo, inclusive, pagar para receber tratamento se necessário for. O outro, de uma solidariedade mais profunda. Gente que diante da pandemia se permite olhar para além do seu próprio mundo. Pessoas que se organizam e se propõe a auxiliar. Gente que vislumbra o bem da coletividade.

Importa reconhecer que as nossas tradicionais armaduras falharam. Os planos de saúde não foram suficientes para abafar o receio da falta de equipamentos e, tampouco, nossos celulares, computadores, televisões sofisticadas, foram capazes de entreter no meio desta solidão sentida e vivenciada por todos e todas. A pandemia parece ser mais uma parte de um filme bastante conhecido nesta sucessão de novas doenças que irromperam nas últimas décadas. Ao mudar de forma drástica e abrupta a vida do planeta, a pandemia também oferece uma grande oportunidade para repensar escolhas. Sentimo-nos amedrontados e sozinhos. Diante de algo que não sabemos como e nem quando vai acabar, vislumbramos a pequenez e a fragilidade.

Fomos obrigados a aprender que é necessário sair dos nossos tronos, das nossas bolhas, das nossas realidades. Começamos a perceber que a doença que mata alguém de perto, também é capaz de matar quem mora do outro lado do mundo. Passamos a enxergar a importância de profissões que muitas vezes eram vistas pela lógica capitalista como dispensáveis. Sentimos que a mesma solidão que se abate sobre mim, angustia o meu semelhante. Alguém que tem um nome, cor, origem e religião diferentes dos meus.

Infelizmente, uma parcela da população continua vivendo em um mundo onde todo este estado de coisas lhes soa como mentira e onde, por extensão, quem diz a verdade, não raro, é visto

⁵ MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1, 2018.

⁶ PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

como mentiroso. É gente que sofre, faz sofrer, destrói o que tem valor e não consegue dialogar. Uma escolha política não significa unicamente se declarar a favor de determinado partido, ideologia ou candidato.⁷ Se antes bastava se esconder no próprio cantinho imaginando que a situação não nos afetaria, agora, para que eu seja protegido, preciso proteger também aos outros. A conta do nosso egoísmo chegou, cara e sem nenhum desconto. Não será a cloroquina que haverá de amenizar estes tempos sombrios.

A verdade é que chegamos a um ponto decisivo, uma curva de inflexão na qual, ou mudamos a maneira de conviver como sociedade, ou estaremos sempre à mercê de nosso próprio egoísmo disfarçado de vírus, de guerras, de crises econômicas ou governantes inescrupulosos.⁸ É hora de abaixarmos as nossas bandeiras ideológicas e substituí-las por um pouco mais de empatia, bom-senso e álcool gel. Tempos difíceis servem para algumas coisas, entre elas, grandes aprendizados e reflexões incômodas.

Se pensarmos que a educação como um direito social foi instituído na década de 1930, mas que tenha sido somente em 1988 que o ensino obrigatório foi assumido pela Constituição, visualiza-se o tamanho da reparação histórica que este país ainda necessita realizar com a sua população. Na medida em que a reparação histórica não se realiza, estaremos submetidos à perversidade de quem não tem nenhum pudor em garantir os seus interesses. A mesquinhez expõe todo o povo e retira a possibilidade de exercer a própria soberania. Frear qualquer avanço educacional para superar as injustiças parece não ser a preocupação de quem teria o poder de fazê-lo.⁹

A produção científica que neste momento deveria receber ainda mais atenção e recursos, sofre ataques inacreditáveis e inaceitáveis. Uma vez mais, as ciências humanas padecem com a desqualificação. Definir uma ciência como mais importante que outra é abandonar o pensamento científico, rumo ao obscurantismo. A pandemia exige que os profissionais da saúde e seus saberes sejam valorizados, mas a crise que vivemos está longe de ser apenas sanitária.

A crise conclama os cientistas da religião a dimensionar os efeitos terríveis dos tempos atuais nas relações sociais, em suas perspectivas estruturais e cotidianas. Os cortes no apoio financeiro às ciências nos últimos anos mostram os efeitos nefastos da estratégia que tem sido adotada. De positivo, este momento parece estar evidenciando a valorização do Sistema Único de Saúde (SUS) e um reforço à manutenção de um sistema público de saúde. Países como a Itália, Espanha e os Estados Unidos, mostram como a ausência de políticas públicas neste âmbito pode ser trágico.

A pandemia nasceu operando um estigma contra os chineses e seus supostos hábitos alimentares. O processo se amplia em países de todos os continentes evidenciando o jogo geopolítico, inclusive do conhecimento. A desigualdade de gênero vem ganhando especial destaque nesse cenário. As pesquisas realizadas pelas ciências da religião, teologia, filosofia, direito, sociologia e antropologia, deveria buscar a abordagem não somente destes temas, mas conclamar também para uma reflexão mais ampla.

A sociedade atual se encontra, pois, envolvida por uma crise que se evidencia em, pelo menos, três dimensões: a perspectiva da medicina (a epidemia e as suas consequências sanitárias),

⁷ BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. p. 59-66.

⁸ HARWEY, David. Política anticapitalista en tiempos de coronavirus. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. p. 79-96.

⁹ BADIOU, Alain. Sobre La Situación Epidémica. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. p. 67-78.

a dimensão econômica (que se mostra com múltiplos impactos independentemente de como ou quando a pandemia venha a cessar) e a perspectiva da saúde mental (ainda pouco descortinada em seus desdobramentos).

É um fato relevante e, infelizmente, nem sempre levado em consideração nas análises realizadas, o aspecto de que a vida de milhões de pessoas se encontra em um processo de redescoberta diante do qual o contato físico diário passou a ser um desafio recorrente.¹⁰ Talvez o grande desafio nestes tempos obscuros seja pensar além das coordenadas do mercado e do lucro, e encontrar outras maneiras de produzir e distribuir recursos tão necessários à coletividade.

Aprendemos com aqueles que seguem outras premissas daquelas que nos são familiares que ao produzir um conhecimento podemos ser desafiados com situações e demandas, por vezes, negligenciadas pelos números e as estatísticas. Os cortes à pesquisa e ao pensamento crítico nas ciências humanas no Brasil são inaceitáveis. Cabe a comunidade científica não se dobrar a este estado de coisas e explorar meios para manter o seu protagonismo crítico frente ao senso comum e os dilemas do tempo presente.

Portanto, podemos estar nas redes sociais lamentando que o povo não esteja seguindo as regras sugeridas para esse período ou usar deste tempo para pensar, criar novos métodos de tomada de consciência e enfrentamento da ignorância imposta por um projeto de colonização que segue firme e coeso.¹¹ Cabe neste momento, sobretudo, questionar se este tempo também não é uma oportunidade histórica para transformar certas verdades e muitos dos nossos valores. Que tal recuperarmos, um pouco que seja, da empatia, da solidariedade e do amor ao próximo?

As instigantes e desafiadoras contribuições esboçadas em 16 textos nesta edição **2019/2, Vol. 46**, de *Protestantismo em Revista*, se encontram distribuídas em três seções – **Religião, Sociedade e Educação; Debates Teológicos; Resumos e Resenhas**. O nosso agradecimento, de forma especial, aos autores e autoras que contribuem com suas pesquisas para ampliar o horizonte crítico neste difícil momento de quarentena e necessário isolamento físico. Fiquemos em casa!

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Reflexiones sobre la peste. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020, p. 135-138.
- BADIOU, Alain. Sobre La Situación Epidémica. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020, p. 67-78.
- BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020, p. 59-66.
- FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Paris: Alca XX, 2002.
- GABATZ, Celso. *Reminiscências*. Santa Rosa: Café Pequeno, 2017.
- HAN, Byung-Chul. La Emergencia Viral y el Mundo de Mañana. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020, p. 97-112.

¹⁰ AGAMBEN, Giorgio. Reflexiones sobre la peste. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. p. 135-138.

¹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Paris: Alca XX, 2002.

HARWEY, David. Política anticapitalista en tiempos de coronavirus. *Sopa de Wuhan*. Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020, p. 79-96.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1, 2018.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital*: Ensaios de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.